

05 de Julho de 1969 - 1962

Pasta de Imprensa

05 de Julho de 1969

Mais dois campeonatos nacionais para a história do F. C. Porto

SORGE NUNO PINTO DA COSTA

MIGUEL ROELHO

WALDENIA AZEVEDO

Só a vitória nos servia para a conquista do título — salvo se em Ramalde acontecesse surpresa. O favoritismo era nosso mas, em hóquei em campo (como final em todos os desportos) tanto pode vencer o mais forte e o melhor, como o mais fraco. Daí a extraordinária expectativa criada à volta da partida e que levou ao campo da Constituição, mesmo considerando que as entradas eram grátis, enorme assistência.

quistados. Vamos, sim procurar continuar a colecionar triunfos em provas futuras. Como prémio desta vitória, temos reservada uma surpresa para os nossos bravos campeões. Não é dinheiro — que eles sabem muito bem que nós não temos

o mérito da nossa vitória. Fomos de longe, os melhores. O brio com que os nossos rapazes se empregaram foi de influência decisiva. Ninguém seria capaz de os superar. Em nada me surpreendeu, entretanto, a forma como o F. C.

anos. Devo dizer como nunca. Foi vitória inesquecível e de actividade. Quanto ao resultado, acho-o certo algo mais que o nosso adversário. O F. C. foi igual a si próprio à sua maneira, não à que podia, ainda, o título, mas porque lutar de outra forma afinal, o seu dever.

A BRAVURA DO F. BENFICA justificada pelo seu técnico

Em gesto que define os bons esportistas, o técnico do Futebol Benfica, João Mouzinho, foi ao final aos balneários do F. C. de Porto apresentar cumprimentos de parabéns pela vitória alcançada pela nossa valorosa equipa. Foi aí que o entrevistamos. Declarou-nos:

— Não há dúvida que o F. C. de Porto venceu bem o Campeonato Nacional. Aliás, se fossemos nós a vencer, de certo se também ninguém negaria o mérito ao nosso feito.

— Por que lutou tanto a equipa do F. Benfica?

— Primeiro porque é fruto de um temperamento próprio e,

depois, porque falta, ainda, resolver um protesto relativo ao jogo que disputamos em Lisboa, com o Ramaldense. Baseou-se o nosso protesto em faltas técnicas do árbitro. Uma vez considerado procedente o nosso protesto (que eu espero que assim aconteça) tínhamos justificadas aspirações ao título na hipótese de nos ter sido favorável o resultado do jogo com o F. C. de Porto. Como assim não aconteceu, lá se foram as nossas ilusões, mas nem por isso eu quero deixar de felicitar o nosso valoroso adversário pelo seu brilhante feito. Aqui lhes apresento os parabéns do Futebol Benfica.

NA CONSTITUIÇÃO:
1-0
ao F. Benfica
valeu um título
nacional

(CONTINUA NA PÁG. OITO)
"O PORTO" 5-7-1969



SPORTIVA: nomes e números

CAMPO O nosso clube é Campeão Nacional
JORNAL "O PORTO" Pac. 3 29/06/1968
 suor e lágrimas na conquista do nacional...

onato Be-
 real foi um
 essa equipa
 al-58) com
 causar in-
 goria e va-
 por demais
 ngo desta
 «Nacio-
 foram de
 este Cam-
 qualquer
 verter san-
 para a
 final.
 nos depa-
 si era pre-
 os nossos
 um atla-
 do, irresis-
 travados

**Melejos
 Cerá-
 dades**

evimica
 bebu o
 os azu-
 utilizo-
 Enódio.
 sica e
 já me-
 be um
 cimento
 da do-
 unido-
 m que
 deixa,
 agitar.

pelo silvo inesperado dum apito, como que a cortar bárbaramente uma jogada com mais perfeição que qualquer estopera equipado com o melhor stick.

Mesmo assim, quando o golo aparecia, então surgia o outro golo fantasma a lançar por terra todo o enorme esforço produzido ao longo de 70 minutos.

Também e quando era necessário jogar em sistema defensivo, sem que se apresentassem num ferrolho atabalhoado e de técnica inferior, não era menos certo que a bem escalonada barreira, era quase intraspontível. Eficientemente dispostas as pedras nos lugares determinados, cuja técnica lhes sobeja para bem cumprirem a missão de que eram incumbidos, dificilmente, muito dificilmente, eram batidos.

Assim sempre foi, salvo no último jogo, em que os nossos defesas foram batidos em algumas jogadas com muito perigo que, graças ao nosso feline guarda-redes, não foram concretizadas, contrariando com a sua destreza a própria equipa de arbitragem, pois as duas maiores oportunidades do nosso categorizado adversário, uma foi transportada para dentro da área e a outra stickada fora da zona de remate. Foram inúmeras as nossas avançadas desfeitas dessa maneira, uma delas quando Carlos Fernandes seguiu isolado para a baliza e o guardião

contrário no limite da área, estatelado no chão, prendeu o nosso avançado por uma perna, não permitindo que a jogada fosse finalizada com o êxito que se antevia. Mais lamentável, ainda, é que o árbitro converteu este lance num canto curto, não contando as vezes que aquele guarda-redes pontapeou a bola fora da área.

O pior estava para acontecer. Os últimos quinze minutos — que os senhores árbitros elevaram para 23 (pasmem, senhores!, mais 8 minutos!) foram arrasantes, pois as agressões, sem bola, davam-se a cada passo e algumas com tal gravidade, que há atletas que têm de ser submetidos a operações cirúrgicas!

No sábado, contra o Atlético e sob a arbitragem de António Quintela e Ferreira dos Santos, a nossa equipa alinhou com: Daniel; Castro e Marinho; Berto, C. Amaral e Agnelo; C. Monteiro (Lelo), C. Fernandes, Mário, Ferreira e Neca.



O lance que deu o golo da vitória no jogo em que a nossa equipa defrontou o Futebol Benfica

O golo da vitória foi obtido por Carlos Fernandes, aos 28 minutos do 2.º tempo.

No jogo contra o Futebol Benfica, também dirigido por Ferreira dos Santos e António Quintela, o nosso Clube apresentou a seguinte formação: Daniel; Berto, Mário e Agnelo; Marinho e C. Amaral; C. Monteiro, Lelo, C. Fernandes, Ferreira e Neca.

São Campeões Nacionais: Agnelo Cunha, Alberto Ferreira Fernandes, Alberto Valdemar Azevedo, António Almeida Castro, Aurélio Dias Cunha,

Carlos Alberto Amaral, Carlos José Monteiro, Carlos Fernandes, Júlio Macedo, Daniel Fernando, Manuel França Neves, Manuel Santos Espírito Santo, Mário Jesus Carvalho, Raúl Jesus Ferreira e Valdemar Azevedo Santos.

AO PRATICAR O JUDO, ESTÁ A DESENVOLVER AS SUAS QUALIDADES DE OBSERVAÇÃO E RESISTENCIA A FADIGA.

**ÉPOCA DE OURO
 EM TÍTULOS
 NACIONAIS**

29/06/1968 JORNAL "O PORTO"

Campeões nacionais em hóquei em campo

(SENIORES)

A turma de hóquei em campo que venceu, sem derrotas o Campeonato Nacional

PÁGS. 3 e 8



Fez parte duma piéride de boquistas, onde se pode destacar, entre outros, os nomes do já falecido João Silva (Ramalhense), de Carlos Silva (Futebol Benfica) e de Carlos Amaral (F.C. Porto) como grandes jogadores.

Carlos Amaral. Um atleta digno da camisola «azul-branca». Pelo tempo que a tem manfido no dorso e pela maneira como a tem sabido honrar, forçosamente que se torna num atleta digno do F. C. Porto. Sem dúvida um dos melhores jogadores portugueses de hóquei em campo.

O seu nome é uma honrosa «continuação» do de seu pai. «Filho de peixe sabe nadar», é o conteúdo dum aforismo popular que o tempo se encarrega de proclamar aos quatro ventos, como verdade insfismável.

Pois seria este atleta tão apreciado na «familia» portista que hoje deparará para «O Porto».

Aproveitamos a sua deslocação a Lisboa para o recente «Nacional», para lhe abstrairmos algumas palavras sobre

algumas palavras sobre alguns temas que dum modo genérico, entendemos de interesse.

A conversa desenrolou-se no hotel onde a equipa ficou instalada, à hora de almoço.

Uma hora sagrada, mas que o factor tempo não permitiu se guardasse.

E Carlos Amaral, de trato fino imediatamente se colocou à nossa disposição.

Por solicitação nossa, Carlos Amaral recuou por momentos até ao passado para recordar o seu início como desportista e como atleta do Clube.

— Como sabe, o meu pai foi jogador da modalidade. E, é evidente, pouco a pouco fomos metendo o «vício» no corpo. Tudo o que sou devo-o ao meu pai. Quando chegou o momento da sua retirada manifestou o desejo de que eu «herdasse» o seu nome e lugar na equipa «azul e branco».

Como e por quê ingressei no F. C. Porto, parece-me depois destas palavras, desnecessário «explicar»...

FOI O MEU PAI QUE ME METEU O VÍCIO NO CORPO E A ELE DEVO TODDO O QUE SOU

— O Carlos Amaral em qualquer altura sentiu arrependimento pelos «passos» que deu?

— Não senhor. Tem havido sempre boa colaboração, o que no entanto não me inibe de afirmar, até porque se torna lógico, que os aborrecimentos já agora acontecem mesmo. Aliás eles fazem parte da vida. Mas em contrapartida as alegrias têm sobrelevado essas contrariedades.

Técnicos, camaradas e directores têm ao longo dos anos em que pratico a modalidade, dado a sua mais elevada e prestável colaboração o que facilita imenso a missão a cumprir.

E retomando a palavra sobre o tema interrompido:

Comecei aos 13 anos a praticar desporto e hoje folgo bastante com este desporto.

Praticar desporto a hoje folgo bastante por assim ter acontecido. É na realidade factor imprescindível, porque extraordinariamente

ENQUANTO ME JULGAREM ÚTIL DAREI A MINHA COLABORAÇÃO AO CLUBE

benefício, para toda a gente. Pena é porém que essa «toda a gente» seja em número diminuto. Para lhe ser franco, sinto-me completamente à vontade no aspecto físico.

Aproveitamos a deixa para abordar um tema deveras debatido no hóquei em campo e que se refere à idade dos atletas. Só muito recentemente esta modalidade tem ao seu serviço «sangue novo», já que anteriormente era considerada como «passatempo» para os que como atletas tinham ultrapassado uma certa idade...

Sobre o assunto, disse-nos Carlos Amaral:

— Em tempos idos, a modalidade era praticada por pessoas cultas. Dum modo genérico praticava-se na alta sociedade.

Hoje a panorâmica é bem diferente. Actualmente a rapaziada nova, na idade dos 18, 19 anos, dá o seu contributo à modalidade com toda a riqueza da sua juventude.

Além disso, como as leis mudaram um pouco, o que deu origem à prática dum maior velocidade, o mais natural é que a corrida dum jovem suplante a dum «consagrado». Esta a minha opinião.

Uma viragem no diálogo. Recentemente, o hóquei em

POR JOSÉ CARVALHO COUTO

campo «viajou» até Itália, através da selecção nacional. O facto escusado será dizê-lo, deu nas vistas, pois prima, infelizmente, pela raridade.

Mas deixemos essa faceta e apreciemos as declarações de Carlos Amaral sobre a deslocação da turma nacional, já que fez parte da equipa, como não podia deixar de ser.

— Poderia continuar a jogar hóquei em campo?

— O nível da nossa hóquei mostrou ser inferior aos demais concorrentes. No entanto, em jogo de conjunto evidenciamos superioridade. No primeiro encontro, contra a Itália, denotamos inadaptação e ficámos àquém das nossas possibilidades. E pode crer que foi essa inadaptação a causa da nossa derrota, por sinal, o que paralelamente não admira, a mais expressiva, embora com tal afirmação não esteja a negar o valor à Itália, note-se... Já contra a Bélgica actuámos de igual para igual, e só a nossa infelicidade não permitiu um outro resultado. Contra a Hungria, a história tem outro «sabor», muito diferente aliás, em relação aos outros dois jogos. É que dominamos a partida tecnicamente, fomos melhores mas viemos a perder por um «penalty»...

Já que a nossa conversa incidiu sobre o contacto internacional, não nos desviemos do rumo.

— O que nos diz o Carlos Amaral quanto ao contacto internacional do nosso hóquei em campo?

— Sem sombra de qualquer espécie, o contacto internacional é imprescindível, aliás, como em qualquer outra modalidade, para um maior desenvolvimento do atleta em todos os ângulos por onde se queira

fazer uma apreciação à sua actividade. Mas, e quão triste é dizê-lo, antes de nós atletas, seria muito mais frutuoso para a modalidade que esse contacto internacional fosse proporcionado em grande escala aos árbitros!

Carlos Amaral acabava de tocar numa grande «ferida» do nosso hóquei e do desporto em geral.

Mas continuemos a ouvi-lo...

— Eu não acuso os árbitros quanto à sua honestidade, que não ponho em causa. O que ponho em causa infelizmente, é a sua falta de conhecimentos, por vezes apavorante!

Carlos Amaral é um «veterano», mas ainda é figura de primeiro plano na modalidade.

— Por quanto tempo pensará continuar a jogar hóquei em campo?

— Poderia continuar a jogar hóquei em campo?

— Quanto ao F. C. Porto, enquanto os seus responsáveis entenderem que a minha presença se torna útil à equipa, estarei sempre pronto a responder à chamada com todo o prazer e amor à causa. No aspecto de selecção, repare-se que os jogos a fazer são poucos, Contam-se pelos dedos... Mas enquanto estiver em actividade, sempre que a selecção nacional actuar, espero dar a minha colaboração efectiva.

— Qual a sua opinião acerca da nossa equipa e do seu futuro?

— A nossa equipa felizmente, é uma confirmação satisfatória do que há pouco afirmei — uma equipa jovem. É sem dúvida a melhor que compareceu neste «Nacional», o que é significativo quanto às perspectivas de um bom futuro.

Outro tema deveras curioso, pela multifaceta da maneira de ser da multidão. Salvo raras excepções o fenómeno é geral em relação às modalidades chamadas de amadores.

— Carlos Amaral que nos



— Carlos Amaral que nos diz sobre o «comportamento» da massa associativa?

— Infelizmente, nem sempre corresponde. E olhe, quer um exemplo de quanto seria útil a sua colaboração nos jogos que a equipa efectua?

Recentemente depois dum Porto-Sporting para o «Nacional» de Andebol de Onze em que o campo estava repleto, jogámos em seguida com o Ramaldense. Chegámos ao fim da primeira parte a ganhar 2-0, galvanizados em grande percentagem pelo apoio que nos deram... Quer melhor exemplo?



Campeões nacionais

JORNAL "O PORTO" PAG. 8 29-06-1968

HÓQUEI EM CAMPO SENIORES

Alberto Ferreira Fernandes, nascido em 7 de Dezembro de 1941, natural de Ramalde, Porto, representou pela primeira vez o Futebol Clube do Porto, no dia 9 de Setembro de 1967, em primeiras categorias.



Alberto Valdemar Martins Azevedo, nasceu em 23 de Junho de 1946, em Ramalde, tendo representado pela primeira vez o nosso Clube no dia 26 de Junho de 1962, na categoria de Juniores. No dia 15 de Novembro de 1964, passou à categoria de honra, tendo conquistado até à presente data quatro Campeonatos Regionais e dois Nacionais. Este atleta foi louvado uma vez pela Direcção do nosso Clube, e outra pela F. P. H. Campo.



Agnelo Jorge da Silva Cunha, nascido em 5 de Janeiro de 1932, em Ramalde, representou pela primeira vez o F. C. do Porto no dia 19 de Novembro de 1961, em primeiras categorias, tendo conquistado até esta data quatro Títulos Regionais e dois Nacionais. Este atleta foi louvado duas vezes pela Direcção do nosso Clube, duas pela Associação de Hóquei em Campo e uma pela F. P. H. Campo.



António Castro de Almeida, nasceu no dia 6 de Dezembro de 1937, em Mafamude, Vila Nova de Gaia, tendo representado pela primeira vez o nosso Clube no dia 10 de Setembro de 1967, na categoria de Honra. Até esta data, este atleta conquistou um Título Regional e um Nacional.



Aurélio Dias da Cunha, nascido em 2 de Outubro de 1947, em Nespereira, Sinfães, representou pela primeira vez o F. C. do Porto no dia 8 de Maio de 1965, na categoria de Juniores. No dia 1 de Novembro de 1965, subiu à categoria de Honra, tendo conquistado dois Títulos Regionais e um Nacional.



Carlos Alberto da Fonseca Amaral, nascido em 29 de Janeiro de 1938, natural da freguesia de Santo Ildefonso, Porto, representou pela primeira vez o nosso Clube no dia 4 de Janeiro de 1953, na categoria de Honra. Este atleta conquistou até à presente data três Títulos Nacionais e três Regionais, sendo louvado duas vezes pela Direcção do nosso Clube, duas pela Associação de H. C. e uma pela Federação P. de Hóquei em Campo.



Carlos Fernandes, nasceu no dia 24 de Março de 1941, tendo representado pela primeira vez o nosso Clube no dia 19 de Novembro de 1961, na categoria de Honra, tendo conquistado dois Títulos Nacionais e um Regional. Este atleta foi também louvado uma vez pela Direcção do nosso Clube, uma pela Associação de H. C. e outra pela Federação P. H. Campo.



Carlos José da Silva Monteiro, nasceu no dia 25 de Julho de 1934, em Favaiais, Alijó, tendo representado pela primeira vez o nosso Clube no dia 15 de Maio de 1955, na categoria de Honra.

Até à presente data este atleta conquistou três Títulos Nacionais e três Regionais, tendo sido louvado duas vezes pela Direcção do nosso Clube e tendo-lhe sido atribuído o Troféu «Píngas».



Daniel Fernando Luz Pinto, nasceu no dia 19 de Janeiro de 1943, em Ramalde, e representou pela primeira vez o nosso Clube no dia 7 de Janeiro de 1962.

Até à presente data, este atleta conquistou três Títulos Nacionais e três Regionais, tendo sido louvado duas vezes pela Direcção do nosso Clube, duas pela Associação P. H. Campo e uma pela Federação P. H. Campo.



Júlio Alves Macedo, nasceu no dia 14 de Novembro de 1947, em Massarelos, Porto. Este atleta, representou pela primeira vez o F. C. do Porto, no dia 8 de Maio de 1965, na categoria de Juniores. No dia 6 de Março de 1966, passou à categoria de Honra, tendo conquistado até esta data dois Títulos Regionais e um Nacional.



Manuel Francisco Santos Espírito Santo, nasceu no dia 2 de Março de 1940, em Ramalde, Porto, e representou pela primeira vez o nosso Clube no dia 12 de Abril de 1964, na categoria de Honra.

Este atleta conquistou dois Títulos Regionais e um Nacional, tendo sido louvado uma vez pela Direcção do nosso Clube.



Manuel Pinto França Neves, nasceu no dia 28 de Fevereiro de 1949, na freguesia de Campanhã, e representou pela primeira vez o nosso Clube no dia 18 de Fevereiro de 1967, na categoria de Juniores.

No dia 9 de Setembro de 1967, passou à categoria de Honra, tendo conquistado um Título Regional e um Nacional.



Mário Jesus Carvalho, nasceu no dia 26 de Janeiro de 1938, em Ramalde, Porto. Este atleta representou pela primeira vez o F. C. do Porto, no dia 11 de Novembro de 1962, tendo conquistado três Títulos Regionais e um Nacional.

Este atleta foi louvado duas vezes pela Direcção do nosso Clube, uma pela Associação de Hóquei em Campo e uma pela Federação P. H. Campo.



Raul Jesus Ferreira, nascido em 24 de Março de 1947, em Campanhã, Porto, representou pela primeira vez o nosso Clube no dia 8 de Maio de 1965, na categoria de Juniores.

No dia 1 de Novembro de 1965, subiu à categoria de Honra, tendo conquistado até esta data, dois Títulos Regionais e um Nacional.



CONSAGRAÇÃO—A nossa equipa de Óquei em Campo recebeu a justa e merecida homenagem da família portista, na festa de consagração aos campeões nacionais, efectuada no nosso majestoso Estádio das Antas. Os campeões e seus responsáveis, momentos depois de terem recebido as faixas, posaram para «O PORTO»

22-07-1964

GALERIA DE CAMPEÕES

- Agnelo Jorge da Silva Cunha**—32 anos, médio esquerdo, uma vez campeão nacional e uma regional.
- Alvaro Eduardo Ribeiro Ferreira e Silva**—19 anos, defesa direito, duas vezes campeão nacional e uma regional.
- Carlos Alberto Fonseca Amaral**, 31 anos, médio-centro, 2 vezes internacional, duas vezes campeão nacional e uma regional.
- Carlos Augusto Pinto**—44 anos, defesa esquerdo, três vezes internacional, campeão nacional e 9 vezes campeão regional.
- Carlos José da Silva Monteiro**—29 anos, avançado direito, duas vezes campeão nacional e uma regional.
- Daniel Fernando da Luz Pinto**—21 anos, guarda-redes, internacional e duas vezes campeão nacional.
- Fernando Pais Castanheira**—26 anos, centro avançado uma vez campeão nacional.
- Gaspar Rogério Barros**—25 anos, centro avançado, duas vezes campeão nacional e duas regional.
- Fernando Reis da Costa Ramos**—18 anos, avançado esquerdo, duas vezes campeão nacional e uma campeão regional.
- Joaquim Brites Leite**—22 anos, meia ponta esquerda, uma vez campeão nacional.
- Manuel Ferreira da Silva Santos**—32 anos, médio esquerdo, duas vezes campeão nacional e quatro regional.

Após 10 anos

VITÓRIA FULGURANTE DO F. C. P. EM HÓQUEI EM CAMPO

O F. C. do Porto foi, em 1952, o primeiro Clube nortenho que conquistou o título nacional de hóquei em campo. Após dez anos, apesar de ter sempre presença meritória nesse campeonato — à excepção de três épocas em que o seu lugar foi ocupado pelo Boavista e pelo Lamas — a nossa equipa acaba de forma brilhante, atingindo a meta da prova máxima recuperando esse título.

Foi, incontestavelmente, um triunfo fulgurante, através duma pugna quase homérica, em que os nossos jogadores esforçados e afirmando excelente categoria, trouxeram para o historial glorioso do nosso Clube um título que muito o prestigia.

Mais uma vez, lutando *contra tudo e contra todos* — o já eterno sistema, que pode já ser tido como um *slogan* portista — a nossa equipa de hóquei em campo, briosa, soube de forma insofismável rodear todas as dificuldades criadas — os «maus olhados» de uns, as hostilidades de tantos

que não querem fazer justiça ao valor do adversário e ainda sofrendo os *tratos de polé* de alguns árbitros — e transpondo essas barreiras levantadas pelos invejosos e maus desportistas, chegou ao termo da sua jornada altaneiramente, revelando um espírito desportivo e clubista que bem merece de todos nós todas as honrarias, todas as homenagens — aquelas honrarias e aquelas homenagens de que são dignos os «heróis» após uma batalha de «sangue, suor e lágrimas».

Uma equipa que em seis jogos, apenas uma vez sofre uma derrota, com 3 vitórias e dois empates, afirma com exuberância a sua categoria — diz-nos com clareza que o seu triunfo foi dos mais brilhantes, que o seu valor não pode sofrer contestação, por muito que se *torçam em esgares* os invejosos.

Um bravo, pois, aos briosos rapazes da nossa equipa, que tão briosamente souberam prestigiar a camisola azul e branca!

Entre os campeões actuais, dois «veteranos» encontramos. São eles: Manuel Pires e Carlos Pinto, que há mais de uma dúzia de anos defendem com vivo entusiasmo e dedicação as cores da sua equipa e que, em 1952, foram também campeões nacionais.

Afinal, uma «veterania» sempre moça, a demarcar persistência, valor e amor clubista!

★

Outro elemento merece também uma referência destacada, sem desprimor para os restantes que foram sempre brilhantes e dedicados.

Queremos referir-nos ao internacional Carlos Amaral, jogador de boa estirpe filho de outra dedicação azul e branca, que foi também praticante de excelente categoria, campeão regional e depois Chefe de Secção muito prestimoso. É ele Manuel Amaral.

É caso para aplicar o velho adágio popular: «Filho de peixe, sabe nadar...» — J. N.